

Droga pode ajudar prematuros com problemas pulmonares

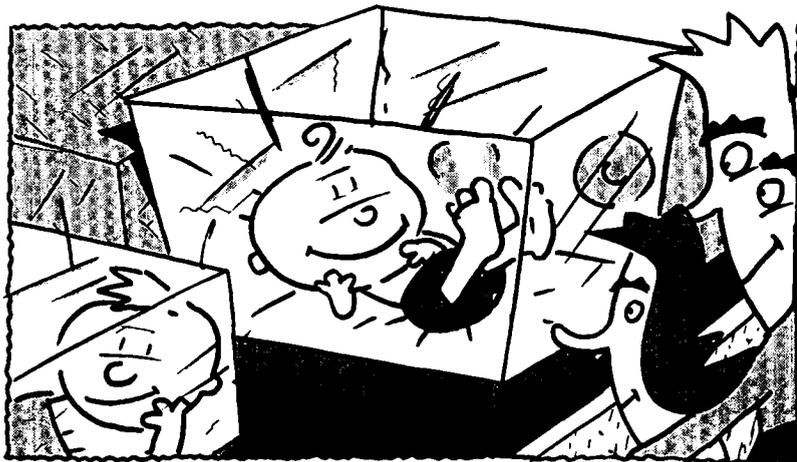
Novo remédio está sendo testado por três universidades brasileiras

GABRIEL NOGUEIRA

RIO — A Escola Paulista de Medicina, a Universidade de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre estão testando um medicamento à base de gorduras naturais do pulmão de novilhas (surfatantes) que pode aumentar em até 76% a possibilidade de sobrevivência sem seqüelas de bebês prematuros que nasceram sem elasticidade nos pulmões. O problema ocorre em 20% dos 350 mil dos bebês prematuros nascidos por ano no País. O medicamento, aprovado há um mês pelo Ministério da Saúde, será lançado até o final do ano.

Os bebês com esse problema podem ser afetados por doenças pulmonares pelo resto da vida, explicou o ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Luis Eduardo Vaz Miranda. "O medicamento não é mágico e deve ser usado de forma criteriosa e séria", frisou. O chamado surfatante, substância que altera as propriedades da superfície das células, amadurece os pulmões dos prematuros, fazendo com que consigam respirar sem a ajuda artificial.

Custo alto — Os bebês que sofrem o problema ficam com o pulmão duro e respiram com dificuldade, devido à má oxigenação do



sangue. Hoje, cada bebê prematuro internado na rede hospitalar custa entre US\$ 600 e US\$ 800 (entre Cr\$ 3,24 milhões e Cr\$ 4,32 milhões) por dia, com uma média de internação entre 20 dias e 30 dias. Os casos mais graves e mais caros devido à necessidade de acompanhamento intensivo são justamente aqueles que apresentam falta de elasticidade nos pulmões.

Segundo Miranda, o medicamento — cuja ampola custará no Brasil US\$ 400 (Cr\$ 2,16 milhões) —, além de aumentar as chances de sobrevivência dos bebês, reduz os gastos hospitalares, principalmente em rela-

ção ao fornecimento de oxigênio e ar comprimido medicinal que representam gastos diários de cerca de US\$ 448 (Cr\$ 2,2 milhões) por dia. O médico disse que devem ser tentadas as formas usuais de tratamento antes do remédio.

No Brasil, o remédio será comercializado pelo Laboratório Boehringer, que o importará da Europa, onde já está sendo utilizado há três anos. Cada bebê com esse problema precisa tomar de duas a três ampolas do remédio, explicou o diretor do laboratório, Marmo Marchese, no Congresso Mundial de Pediatria, que termina hoje, no Rio. |